



Marcela Maia Vidal – PG36727

Empreendedorismo Imigrante dos Sírio-libaneses no Brasil

Outubro, 2021



Marcela Maia Vidal – PG36727

Empreendedorismo Imigrante dos Sírio-libaneses no Brasil

Dissertação de Mestrado

em Negócios Internacionais

Trabalho efetuado sob a orientação da

Profa. Dra. Isabel Maria Machado Correia Briosso Dias

Outubro, 2021

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Aos meus pais e irmã, a base de tudo.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, que sempre esteve presente em minha vida, iluminando meus caminhos e orientando minha jornada.

Aos meus amados pais, Sergio e Dalva por seu amor incondicional, por todo o apoio, incentivo e dedicação em cada momento da minha vida, por toda delicadeza e atenção com que sempre me ouviram. E que sempre me possibilitaram acreditar em meus objetivos e lutar pelos os meus ideais.

A minha irmã, Suzi Meri, agradeço por tudo que fez por mim, por todos os momentos que estava sempre ao meu lado, olhando meus passos, sempre a me segurar para que eu nunca caísse. Sempre acreditando e me incentivando. Obrigada por sua amizade, por sua confiança, carinho e compreensão sem fim.

A todos os meus professores que contribuíram para minha formação pessoal e profissional. Em especial a Prof. Dra. Isabel Maria Machado Correia, a minha gratidão mais sincera pela paciência na orientação, por seu conhecimento, incentivo e atenção dedicada a mim neste período que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Agradeço a todas as pessoas, empresas e associações que se dispuseram a me atender. Em especial a Limar - Comida & Doce Árabe, Bar e Lanchonete do Habibi.

Agradeço a vocês por seus conhecimentos, sua atenção e gentileza em me atender e responder minhas dúvidas, me ajudando a concluir minha pesquisa.

Agradeço a todas aquelas pessoas que com um simples gesto ou uma atenção especial me incentivaram e ajudaram na elaboração e conclusão deste trabalho. Sem a contribuição, apoio, carinho e compreensão de todos, sem dúvida este trabalho não teria o mesmo valor, pois uma conquista só é válida quando em nossos caminhos temos pessoas para celebrarmos juntos. Sou o resultado da confiança de cada um de vocês. Meu Muito Obrigada!

“Direi que agora há flores, os frutos virão mais tarde.

Mas as flores são promissoras;

Há necessidade de construir pontes, não muros;

A ponte é feita por Deus com as asas dos anjos para
que os homens se comuniquem... para que os homens
possam se comunicar. A ponte é para comunicação
humana. (A Ponte sobre a Drina)”

Papa Francisco

RESUMO

Este estudo aborda o empreendedorismo imigrante dos sírio-libaneses na cidade de São Paulo, sua trajetória, dificuldades e conquistas socioeconômicas. Ao chegarem ao Brasil, a partir do final do século XIX, a grande maioria dirigiu-se para o centro da cidade de São Paulo, para a zona da rua 25 de março e ruas adjacentes, onde, a princípio moravam e trabalhavam. Com o passar dos anos, registou-se o acréscimo desses imigrantes de etnia árabe, que demarcaram o território da cidade de São Paulo, e contribuíram não apenas com sua cultura, mas também economicamente e ainda hoje são de grande importância histórica para o desenvolvimento da cidade. Para compreender esta dinâmica, começamos por fazer uma análise da história de São Paulo e da imigração sírio-libanesa, além de quantificar a contribuição destes imigrantes para a criação de novas empresas e de emprego. Na segunda etapa, considerando situação atual, foram exploradas as principais dificuldades e barreiras enfrentadas no processo de criação e / ou operação de seus negócios. Inclusive foram examinados os apoios oferecidos por agências não governamentais e organismos públicos para esses empreendedores imigrantes. Além da pesquisa bibliográfica e documental, também foi feito o levantamento do comércio existente por imigrantes empreendedores sírio-libaneses na região central da cidade de São Paulo. Para uma melhor análise e compreensão dos caminhos trilhados e do desenvolvimento e da conquista de seu próprio negócio na capital paulista foi realizada uma pesquisa participativa através de entrevistas com os imigrantes empreendedores, diante dessa pesquisa de campo foi possível também estabelecer o crescimento econômico que gerou para o país.

Palavras-chave: Empreendedorismo Imigrante, Imigração Sírio-Libanesa, Barreiras, Fatores de Sucesso, Negócios, São Paulo, Brasil.

ABSTRACT

This study approaches the immigrant entrepreneurship of Syrian-Lebanese people in the city of São Paulo, their trajectories, difficulties and socioeconomic achievements. Upon arriving in Brazil, from the end of the 19th century, the vast majority went to the city centre of São Paulo, to the region of 25 de Março Street and adjacent streets, where at first, they lived and worked. Over the years and the addition of these immigrants of Arab ethnicity who demarcated the territory of the city of São Paulo and contributed not only to their culture, but also economically and still today is of great historical importance for the development of the city. To understand this dynamic, it was necessary to analyze the history of São Paulo and Syrian-Lebanese's immigration, in addition to quantifying the contribution of these immigrants to the creation of new businesses and employment. In the same way, the main difficulties and barriers faced in the process of creating and operating their business were explored. It was also examined the support offered by non-governmental agencies and public agencies for these immigrant entrepreneurs. In addition, the research was bibliographic and it was analysed trade in goods in the central region of the city of São Paulo. For a better analysis and understanding of the paths trodden, the development and conquest of its own business in the capital of São Paulo, a participatory research was carried out through interviews with the immigrant's entrepreneurs, given this extensive field research, it was also possible to establish the economic that result for the country.

Keywords: Immigrant Entrepreneurs, Syrian-Lebanese Immigration, São Paulo Economy, São Paulo, Brazil.

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Força de Trabalho Doméstica e Estrangeira por Setor de Atividade Econômica em São Paulo (1893).....	32
Tabela 2 - Características dos Empresários Imigrantes	33
Tabela 3 - Características dos Entrevistados.....	36
Tabela 4 - Motivações levantadas no trabalho percebida nos entrevistados.....	43
Tabela 5 - Entrevistados que enfrentaram dificuldades	43
Tabela 6 - Fatores identificados pelos entrevistados como fatores de facilidade para entrar no mercado.....	44

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR - Alto Comissariado Das Nações Unidas Para Refugiados

BCB - Banco Central do Brasil

CDHIC - Centro De Direitos Humanos E Cidadania Do Imigrante

CNAE - Classificação Nacional de Atividades Econômicas

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CONARE - Conselho Nacional De Refugiado

GEM - Global Entrepreneurship Monitor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMDH - Instituto De Migrações E Direitos Humanos

IPEA - Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada

MEIs - Microempreendedores Individuais

MGI - Mckinsey Global Institute

ONG - Organização Não Governamental

ONU – Organizações Das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS.....	iii
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	iv
AGRADECIMENTO.....	vi
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
LISTA DE TABELAS.....	x
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xi
SUMÁRIO.....	xii
1. INTRODUÇÃO.....	13
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1 Definição de Empreendedorismo.....	16
2.2 Empreendedorismo Étnico.....	17
2.3 Globalização e Imigração (facilitadores das migrações).....	20
2.4 Causa da Imigração Sírio-libaneses no Brasil.....	23
2.5 Fatores que levam ao empreendedorismo libanês.....	25
2.6 Empreendedores Imigrantes dos Sírios-libaneses na Cidade de São Paulo.....	30
2.7 Motivações para empreender.....	32
3. METODOLOGIA.....	35
3.1 Introdução.....	35
3.2 Amostra.....	36
3.3 Instrumento de Recolha de Dados.....	39
3.4 Análise.....	40
4. RESULTADOS.....	41
4.1 Introdução.....	41
4.2 Motivações para a Escolha de se Integrar no Brasil.....	42
4.3 Dificuldades enfrentadas para a Criação do seu próprio Negócio no Brasil.....	43
4.4 Fatores a melhorar para que o empreendedor imigrante tenha maior suporte e facilidade de entrar no novo mercado.....	44
4.5 Contributo da diversidade cultural na capital paulista para alavancar a economia local.....	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
APÊNDICES.....	51
ANEXOS.....	52
GLOSSÁRIO.....	55

1. INTRODUÇÃO

Ruas e praças com nomes do Oriente Médio, vendedores de praia em Copacabana vestidos de beduínos vendendo petiscos levantinos tão populares quanto o quibe e a esfiha (Barros, 2010), arranha-céus com bandeiras libanesas nos portões da Avenida Paulista e palavras em árabe ouvidas aqui são algumas das manifestações mais óbvias desta comunidade inesperada e sua herança. Na verdade, essas são apenas pequenas ilustrações de sua considerável contribuição para a sociedade e a cultura brasileiras.

A experiência de migração conhecida pelos árabes do Oriente Médio e sua progênie foi completamente diferente dos árabes que chegaram ao Brasil. Embora as primeiras gerações tenham experimentado algum tipo de discriminação e marginalização socioeconômica no Brasil, isso está inerentemente associado à maioria das formas de imigração. Porém, como veremos em mais detalhes, a elevação econômica e social, que é o principal objetivo que motiva alguém a sair de seu país para se estabelecer em outro, foi rapidamente alcançada pelas primeiras gerações de árabes no Brasil.

Ao contrário de muitos imigrantes, como é o caso dos norte-africanos na Europa, os árabes não optaram pelo caminho do emprego, mas sim pelo trabalho autônomo possibilitado pelo empreendedorismo. Grandes fortunas foram feitas no comércio e na indústria de pessoas que muitas vezes chegavam às Américas com nada, além de uma mala e um desejo ardente de enriquecer ou, como os imigrantes costumavam dizer, de fazer a América.

Nesta dissertação, constatou-se que, apesar dos vários nomes empregados para chamá-los, como Turcos (turcos) ou Sírios (sírios), a esmagadora maioria dos árabes do Brasil eram, na verdade, libaneses (libanês). De fato, este minúsculo país localizado na costa oriental do Mediterrâneo conheceu uma corrida migratória em direção às Américas a partir do século XIX e que continuou ao longo do século XX. Grande parte desse fluxo teve como destino o Brasil, superando qualquer migração vinda de outras terras árabes. Portanto, o foco deste estudo será nesta nacionalidade.

O sucesso empresarial dos libaneses no Brasil conquistou as bases de uma comunidade respeitada e poderosa e elevou ainda mais as conquistas que vão além da esfera econômica. De fato, os empresários árabes que acabaram se estabelecendo no país tiveram a chance de ver seus nomes brilharem no firmamento da nação brasileira. Em relação ao seu pequeno número em comparação com outros grupos étnicos, as inúmeras contribuições próprias e de seus descendentes para os negócios, a política, a ciência e as artes brasileiras são particularmente notáveis. Hoje, para o cidadão comum, a comunidade árabe está amplamente associada à imagem de sucesso e à elite do país.

A presente pesquisa pretende fazer um estudo exploratório sobre o empreendedorismo imigrante sírio-libaneses na cidade de São Paulo – Brasil. Com base em entrevistas aprofundadas com empreendedores imigrantes em uma nação em desenvolvimento. A investigação, especificamente, pretende quantificar a contribuição destes imigrantes para a criação de novas empresas e de emprego, bem como explorar as principais dificuldades e barreiras enfrentadas no processo de criação e / ou operação de seus negócios. Além disso, este estudo pretende examinar os apoios oferecidos por agências e organismos públicos de apoio na região a empreendedores imigrantes de forma a identificar eventuais lacunas que possam existir.

A metodologia utilizada é qualitativa e combina dados primários e secundários. Os dados primários foram recolhidos através de entrevistas de história oral temática a três amostras: (i) empreendedores imigrantes na fase de criação do negócio, (ii) empreendedores imigrantes estabelecidos e (iii) representantes de agências de apoio e ONGs que prestam apoio ao empreendedorismo imigrante no Brasil. Os dados secundários são provenientes de relatórios publicados por entidades oficiais e dos sites das agências e organismos de apoio, como a Organização das Nações Unidas, Global Entrepreneurship Monitor-São Paulo e SEBRAE-SP.

Nesta pesquisa foram estudados especificamente os imigrantes internacionais Sírio-libaneses que escolheram a cidade de São Paulo como seu novo lar. A compreensão da questão do empreendedorismo imigrante e a do seu contributo para o desenvolvimento econômico no país/região de acolhimento é uma questão atual e relevante num período marcado por importantes vagas de imigração registadas, quer em países desenvolvidos, quer em países em desenvolvimento.

Gerir o fenômeno migratório não implica apenas abrir as portas do país e colaborar no plano internacional. Também exige que cada país desenvolva mais esforços para integrar os recém-chegados. Os imigrantes devem adaptar-se às novas sociedades que os recebem e estas têm igualmente de se adaptar. Só graças a uma estratégia criativa de integração dos imigrantes, os países podem assegurar que estes enriqueçam a sociedade de acolhimento, em vez de trazerem instabilidade. (Koffi Annan – PNUD, 2018)

A literatura evidencia que o empreendedorismo imigrante cria oportunidades e benefícios na economia do país receptor, permitindo simultaneamente a absorção de imigrantes sem qualificações, integrando essas pessoas na sociedade e no mercado de trabalho e se tornando-se uma fonte de renda para o país, beneficiando ambos os envolvidos.

Nesta dissertação pretende-se investigar as seguintes questões:

1. Quais foram as motivações para a escolha de se integrar no país anfitrião, o Brasil?
2. Quais as motivações e as dificuldades enfrentadas para a criação do seu próprio negócio no país de acolhimento - Brasil?
3. Quais melhorias podem ser feitas para que esse empreendedor imigrante tenha maior suporte e facilidade de entrar no novo mercado?
4. A diversidade cultural dos sírio-libaneses na capital paulista contribui positivamente para alavancar a economia local?

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Definição de Empreendedorismo

O conceito de empreendedorismo está associado ao “início de uma empresa” (Dees, 1998). Portanto, uma definição ampla de empresário poderia ser um profissional autônomo que possui uma empresa ou exerce uma atividade com fins lucrativos de forma independente. É comumente admitido que o termo se originou da obra do economista francês Jean-Baptiste Say que, já no século XIX, o utilizou para descrever indivíduos que criam valor econômico ao conceber e adotar práticas e meios inovadores nos negócios. Para ele, “o empreendedor transfere recursos econômicos de uma área de menor produtividade para uma área de maior produtividade e maior rendimento” (The Economist, 2009). Isso está intimamente relacionado à ideia de risco e empreendimento. Consequentemente, isso explica a escolha do termo “empreendedor” que, em francês, significa “aquele que empreende” um projeto (Dees, 1998).

O empreendedorismo também está amplamente associado ao conceito de “destruição criativa” cunhado por Joseph Schumpeter em 1942, que definiu empreendedores como “indivíduos que exploram oportunidades de mercado por meio de inovação técnica e / ou organizacional” (Dameri & Beltrametti, 2015). Ele considerou os empresários como agentes de mudança que reorganizam as indústrias. Eles são aventureiros mercantis que desenvolvem novos mercados, produtos e tecnologias. Eles podem criar instabilidade de curto prazo, mas geram progresso econômico de longo prazo. Com efeito, ao identificarem novas oportunidades de negócios, provocam uma reação em cadeia que consiste na entrada de outros empresários no mercado e na adoção das mesmas inovações. Assim, para Schumpeter, eles são o verdadeiro motor de uma economia próspera (Reier, 2000).

Teorias mais recentes de empreendedorismo incluem a concepção de Peter Drucker, que não vê necessariamente os empreendedores como agentes de mudança, mas sim como indivíduos que aproveitam ao máximo as oportunidades abertas pela mudança. Segundo ele, “o empreendedor sempre busca a mudança, responde a ela e a explora como uma oportunidade” (Martin & Osberg, 2007, p. 31).

Além disso, o teórico do empreendedorismo, Howard Stevenson, o define como “a busca de oportunidades além dos recursos controlados”. Isso é o que realmente faz um empresário, segundo ele. Longe de estarem limitados pelo que possuem, os empreendedores podem mobilizar recursos financeiros, materiais, tecnológicos e humanos detidos por outras

pessoas para implementar seus projetos e concretizar sua visão (Eisenmann, 2013). Finalmente, mesclando essas ideias de inovação, oportunidade e mobilização de recursos, Martin e Osberg (2007) definiram o empreendedorismo como uma “habilidade inata especial de sentir e agir na oportunidade, combinando o pensamento inovador com uma marca única de determinação para criar ou trazer algo novo para o mundo” (Martin & Osberg, 2007 p. 37).

Portanto, com base nessas concepções acadêmicas, traçaremos que ao longo desta dissertação, usaremos o termo empreendedor para pessoas que identificam oportunidades de negócios e, portanto, mobilizam recursos que não necessariamente possuem para realizar projetos e empreendimentos com fins lucrativos. Inventando e adotando práticas e/ou tecnologias inovadoras, desenvolvem seu setor e também novos mercados, gerando crescimento duradouro para toda a economia.

2.2 Empreendedorismo Étnico

Waldinger (1990), define o empreendedorismo étnico como um “conjunto de conexões e padrões regulares de interação entre pessoas que compartilham antecedentes nacionais comuns ou experiências de migração” (Desai, Nijkamp, & Stough, 2011 p. 57). Em outras palavras, refere-se ao empreendedorismo conduzido por minorias étnicas ou imigrantes em um determinado país, uma minoria étnica sendo “um segmento de uma sociedade maior cujos membros são considerados, por si próprios ou por outros, como tendo uma origem comum e compartilhando segmentos importantes de uma cultura comum e que, além disso, participam de atividades compartilhadas nas quais a origem e a cultura comuns são ingredientes significativos conforme definido por Yinger (1997). A partir do termo imigrante, ele distingue os indivíduos pertencentes a esta etnia que emigrou para o país, ao contrário dos descendentes que nele nasceram. Conseqüentemente, no caso de uma comunidade recém-estabelecida, o termo étnico e imigrante será intercambiável.

O principal motivo para uma pessoa emigrar é a busca por melhores oportunidades para si e sua família e a melhora de seu padrão de vida. Lamentavelmente, há aqueles que migram fugindo da fome, pobreza ou conflitos Rwodzi (2011). Landau e Segatti (2009), apresentam 3 principais motivações migratórias, que são representadas por três “P”s, oriundo da palavra em inglês “*Profit*”, “*Protection*” e “*Passage*”, ou seja, emigram em busca de lucro, de proteção política e doméstica, desastres naturais ou violência. E o último é a busca por passagem para um destino final acolhedor.

Considera-se movimento migratório quando pessoas saem do seu país, estado ou cidade

de origem para outro local por vontade própria em busca de melhores condições, diferente do estatuto de refugiado. Para essas pessoas imigrantes, há leis que impõem a estes, que devem se sustentar durante o período de permanência, além de ser obrigatório possuir todas as documentações legais para comprovativo do mesmo. No entanto, foi assinado um Pacto Global sobre a imigração pelos Estados-membros da ONU, com exceção dos Estados Unidos. Esse acordo inclui uma ampla lista de compromissos dos governos para melhorar as vias das migrações regulares, cooperar na gestão das fronteiras, tentar evitar a separação das famílias, dar acesso aos serviços básicos sem distinção de *status* migratório e usar a detenção em último caso. Em suma, a criação do Pacto Global, que teve uma iniciativa desenvolvida pelo ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan, tem o objetivo de mobilizar a comunidade empresarial internacional para a adoção, em suas práticas de negócios, de valores fundamentais e internacionalmente aceitos nas áreas de direitos humanos, relações de trabalho, meio ambiente e combate à corrupção, refletidos em 10 princípios. (Kofi Annan - PNUD, 2018).

O interesse acadêmico pelo empreendedorismo, depois que a tendência dos imigrantes de iniciar seus próprios negócios tornou-se importante. Com a expansão desse fenômeno para a Europa após a Segunda Guerra Mundial, esse campo de estudos ganhou ainda mais popularidade. Assim, um grande enfoque foi dado no sentido de tentar esclarecer esta atração dos imigrantes e das minorias étnicas para o empreendedorismo. Uma das principais explicações é a chamada desvantagem ou teoria estrutural, que afirma que algumas categorias de imigrantes não podem entrar no mercado de trabalho no país de acolhimento por falta de experiência profissional, habilidades ou conhecimento da cultura local, da sociedade e, mais importante, da língua (Volery, 2007).

Em alguns casos, essa exclusão pode até ser resultado de discriminação (Desai, Nijkamp, & Stough, 2011, p. 238). Como reação a essas barreiras às ocupações assalariadas, essas pessoas recorrem ao empreendedorismo como alternativa de trabalho autônomo. A outra teoria principal é a abordagem culturalista, segundo a qual os imigrantes que optam pelo empreendedorismo estão culturalmente predispostos a fazê-lo. De acordo com Desai, Nijkamp e Stough (2011), “essa visão enfatiza o significado do empreendedorismo em diferentes culturas, como a propensão ao empreendimento nas terras natais” (Desai, Nijkamp, & Stough, 2011, p. 238). Trabalho árduo, um modo de vida modesto, forte solidariedade clânica e aceitação do risco são, entre outros, traços culturais que os seguidores da teoria culturalista acreditam que esses indivíduos estão equipados, o que os empurra para o estabelecimento de empreendimentos empresariais (Volery, 2007).

Os componentes explicativos das abordagens de desvantagem e culturalista servem como elementos incluídos em duas teorias que apresentaremos mais adiante: a minoria de intermediários e o enclave étnico. Estes últimos fornecem dois grandes referenciais teóricos no estudo do empreendedorismo étnico, a fim de compreender a emergência e o modus operandi desse fenômeno.

O modelo interativo desenvolvido em 1990 por Roger Waldinger, Howard Aldrich e Robin Ward pretende levar em consideração as oportunidades e barreiras encontradas no ambiente local pelos imigrantes, bem como suas condições culturais e étnicas. De fato, de acordo com esse modelo, “o sucesso de uma empresa étnica depende de uma interação complexa entre estruturas de oportunidade e recursos de grupo” (Volery, 2007, p. 34). Por um lado, as oportunidades podem surgir de circunstâncias econômicas, estruturas de mercado, condições de trabalho e marcos legais. Por outro lado, os empreendedores podem se beneficiar de recursos proporcionados por seu patrimônio cultural e pela rede étnica da qual fazem parte.

Este último pode oferecer-lhes mão de obra barata e leal, além de ferramentas de financiamento muito favoráveis como rotações de crédito que são amplamente utilizadas, por exemplo, pela diáspora chinesa em todo o mundo e que fornecem empréstimos baratos a um segmento da população que normalmente não o faz. Desta forma, têm acesso a empréstimos e serviços financeiros oferecidos pelo sistema bancário tradicional (Nicholls, 2013). Essa rede também é fundamental na decisão de migração. Como Volery (2007) coloca, “a decisão de migrar ou ficar, a seleção de um destino e o processo de ajustamento no destino são fortemente influenciados pelo parentesco étnico e redes de amizade das quais as pessoas participam (Volery, 2007, p. 38).

Na verdade, as redes étnicas podem estabelecer uma cadeia de migração da terra natal para o país anfitrião que facilita substancialmente o processo de fixação de novos imigrantes, encontrando-lhes moradia e emprego. Estruturas de oportunidade e recursos de grupo, portanto, interagem e influenciam uns aos outros. Como resultado dessa interação representada pelo modelo, os empreendedores étnicos adotam estratégias étnicas a fim de aproveitar as oportunidades a partir dos recursos disponibilizados por suas redes étnicas. Uma estratégia étnica comum consiste em iniciar uma atividade empresarial que requer apenas um pequeno capital e ativos líquidos para iniciar (Volery, 2007). A portabilidade dos bens e das atividades é, portanto, preferida para facilitar o futuro projeto de retorno à pátria, do qual falaremos mais quando apresentarmos a teoria da minoria intermediária. Em muitos casos, o novo imigrante recebe treinamento e ajuda financeira para abrir sua própria empresa enquanto ainda trabalha

na empresa de um membro da família ou conhecido que o serviu de anfitrião no país de destino.

No mercado de trabalho de países desenvolvidos existe uma bifurcação, ou seja, no mercado primário é possível encontrar empregos com altos salários e boas condições de trabalho, possuindo uma maior estabilidade. Já o mercado secundário é instável com condições de trabalho desfavoráveis e com remunerações baixas. Por esse motivo, a tendência é de que os trabalhadores nativos venham a rejeitar empregos no setor secundário. Portanto, a imigração recebida pelos países desenvolvidos é causada por uma grande demanda por mão de obra pouco qualificada. Fusco (2005) afirma que os imigrantes satisfazem essa demanda aceitando empregos rejeitados anteriormente pelos nativos.

2.3 Globalização e Imigrações (facilitadores das migrações)

A globalização é o processo de maior interdependência e interconexão entre países. Desta forma, impulsiona as áreas econômicas, políticas, sociais, ambientais tornando-as interdependentes, vindo a impactar outras regiões do globo. Dentro dessa nova ordem, a situação mundial tem se alterado em matéria de movimentos migratórios de forma segmentada e contraditória. Para Massey et al. (1998), parece existir um consenso na literatura de que a globalização constitui o motor principal da migração internacional. Já Milanovic (1999) define que a globalização leva ao desarraigamento quando acelera o progresso econômico, que transforma comunidades, estimula as pessoas a abandonar trabalhos tradicionais e a buscar novos lugares, enquanto as obriga a confrontarem-se com novos costumes e novas maneiras de pensar.

Sendo assim, foi a partir do século XIX até as primeiras décadas do século XX que se registou um intenso deslocamento populacional, também conhecido como imigração transoceânica, entre o Velho e o Novo Continente, (Lanza & Lamounier, 2015), atraídos pelos espaços vazios. O colonialismo impunha o povoamento em busca de novos solos para iniciar as explorações de minas e estabelecer novas infraestruturas, ou seja, as primeiras migrações se deram através da importação de mão de obra escrava com navios cheios de migrantes que saíram da Europa. Contudo, foi na Segunda Guerra Mundial que se deu início a fuga em massa das pessoas para outros países à procura de segurança e de um novo recomeço. Atualmente, pela proximidade geográfica e desenvolvimento econômico e social, a União Europeia tornou-

se um polo atrativo para todos os que procuram um novo recomeço das suas vidas. Esse fluxo de pessoas, além de imigrantes, também tem pessoas refugiadas (Costa & Teles, 2017).

Segundo os resultados do estudo de d'Albis (2018), no qual foram coletados dados entre 1985 e 2015 de 15 países da Europa Ocidental, abrigar pessoas em busca de asilo está longe de ser um fardo econômico. A pesquisa, de teor econômico e demográfico, relacionou os fluxos de imigração de cada época com os gastos públicos, a taxa de desemprego, a receita fiscal e o crescimento do PIB per capita. Com resultados obtidos, o autor concluiu que houve um aumento no PIB dos países estudados e, apesar de ter havido mais gastos para atender um número maior de indivíduos, a receita fiscal também aumentou, sendo maior do que a despesa com os mesmos. Portanto, houve uma redução do desemprego e um maior equilíbrio das finanças públicas. Em resumo, o PIB per capita aumentará significativamente por quatro anos, consequentemente a taxa de desemprego cairá, após um aumento no fluxo de migrantes permanentes.

Um outro estudo, para os Estados Unidos, sobre a participação dos imigrantes na economia, feito e publicado pela *New American Economy* (2019), 45% das empresas da Fortune 500 foram fundadas por imigrantes e seus filhos, empregam 13 milhões de pessoas, e em 2018 geraram U\$ 6,1 trilhões em receita. Em comparação às empresas fundadas por não imigrantes listadas pela Fortune 500, as fundadas por imigrantes empregam 11% mais. Incluindo as empresas de pequena e média dimensões, o mesmo estudo revela que de 3,2 milhões de imigrantes possuem o seu próprio negócio, dando um contributo significativo para o crescimento dos Estados Unidos.

Os resultados destes estudos contrariam a suposição de que admitir imigrantes é um ato de generosidade - e caro, por isso. Longe de serem um fardo econômico, os imigrantes parecem representar uma grande oportunidade econômica para os países que os acolhem. Os países que adotam uma abordagem ponderada e de longo prazo à imigração podem capturar benefícios grandes e tangíveis, segundo Goldin (2016).

Novas pesquisas do *McKinsey Global Institute* (2016) mostram que os migrantes transfronteiriços - mais de 90% dos quais se mudaram por razões econômicas - compreendem apenas 3,4% da população mundial, mas contribuem com quase 10% do PIB global. Como cerca de dois terços desses migrantes residem em países desenvolvidos, onde a produtividade tende a ser mais alta, eles estão maximizando o impacto de seu trabalho, com benefícios

econômicos de longo alcance. Migrantes de todos os níveis contribuem para esse efeito. Os migrantes adicionaram cerca de US \$ 6,7 trilhões ao PIB global em 2015 - cerca de US \$ 3 trilhões a mais do que se espera que produzam, se tivessem ficado em seus países de origem. Como os fluxos de países em desenvolvimento para países desenvolvidos geram os maiores aumentos de produtividade, esses destinos representam mais de 90% da contribuição total dos migrantes para o PIB global. A MGI estima que, em 2015, os imigrantes geraram cerca de US \$ 2 trilhões nos Estados Unidos, US \$ 550 bilhões na Alemanha, US \$ 390 bilhões no Reino Unido, US \$ 330 bilhões na Austrália e US \$ 320 bilhões no Canadá.

Mesmo essas estimativas são provavelmente muito modestas, uma vez que há evidência de que os imigrantes também são uma fonte importante de inovação e empreendedorismo. Um exemplo disso, é o fato de que os imigrantes estão vindo a se tornar atores econômicos na Turquia, não somente em termos de força de trabalho, mas também com habilidades empreendedoras. De acordo com Başıhoş, Özpınar e Kulaksız (2015), o número de empresas abertas por sírios na Turquia, aumentou quatro vezes entre 2010 e 2014.

Apesar disso, de acordo com o estudo do McKinsey Global Institute (2016), dos 18 principais destinos, nenhum alcançou fortes resultados de integração geral, embora alguns tenham se saído melhor que outros. Em todos os principais destinos, os imigrantes não apenas enfrentam mais obstáculos econômicos do que seus colegas nativos; eles também têm dificuldade em obter moradia e serviços de saúde de qualidade, e seus filhos enfrentam lacunas na realização educacional. Muitos relatam sofrer discriminação e desconfiança. Tudo isso prejudica a capacidade dos imigrantes de contribuir para seus novos países.

De acordo com o mesmo estudo (McKinsey Global Institute, 2016), o debate nesses países sobre imigração começa e termina com a questão de quantas pessoas admitir e qual deve ser seu perfil, e ainda, raramente se estende à criação de caminhos reais para os imigrantes assimilarem totalmente e maximizarem suas contribuições econômicas. Para que os imigrantes atinjam todo o seu potencial, os países de destino devem buscar intervenções econômicas, sociais e cívicas de maneira holística. Além disso, como as populações de imigrantes mudam com o tempo, essas devem ser iniciativas de longo prazo. Seu sucesso final requer o envolvimento de imigrantes e comunidades anfitriãs. Organizações locais e cidades de passagem como Nova Iorque, Londres e Berlim já são pioneiras em abordagens eficazes à integração de imigrantes. Eles têm a profundidade da experiência e o senso de responsabilidade

necessários para aproveitar a oportunidade que a imigração apresenta. A escala dessa oportunidade é enorme. Ainda segundo a mesma pesquisa, reduzir a diferença salarial entre imigrantes e trabalhadores nativos para 5 a 10% geraria entre US \$ 800 bilhões e US \$ 1 trilhão por ano em produção global. Também traria benefícios sociais adicionais, incluindo menores taxas de pobreza e maior produtividade.

2.4 Causas da Imigração Sírio-libanesa no Brasil

O final do século XIX foi particularmente conturbado e agitado na região que hoje é o Líbano. Massacres onde milhares de pessoas morreram foram cometidos. Uma séria turbulência econômica também ocorreu como resultado do forte enfraquecimento da indústria principal e essa situação era esperada para perdurar. Além disso, tudo isso aconteceu no contexto de um império em declínio exposto ao apetite estrangeiro e mostrando crescente hostilidade para com suas minorias étnicas e religiosas, especialmente as não muçulmanas, que culminou com o genocídio armênio.

Confrontada com a combinação desses fatores, a emigração tornou-se uma alternativa atraente e viável para jovens camponeses cristãos libaneses, com perspectivas econômicas limitadas e preocupações com sua segurança. Enquanto a perseguição às minorias e a queda no preço da seda continuavam, a corrida para novos locais começou. Segundo o consulado inglês, cerca de 4.500 cristãos deixaram o Líbano em 1892. 2.500 deles embarcaram em direção ao Brasil. Em 1896, 5.500 libaneses optaram por deixar o país, principalmente para se estabelecer na América do Sul (Kedourie & Haim, 1988, p. 33). No geral, estima-se que entre o terço e a metade da população do Monte Líbano emigrou entre 1860 e 1914, dos quais mais de 90% eram cristãos. Acredita-se que um terço desses imigrantes tenham desembarcado no Brasil.

Outros fatores podem ser mencionados. Por exemplo, o contato com a Europa por meio das exportações libanesas e as inúmeras instituições educacionais missionárias abertas por europeus e americanos no século XIX no Líbano trouxeram ideias ocidentais de modernidade. Isso não apenas abriu as mentes locais, mas também as abriu para novas perspectivas nas colônias da Europa e nas Américas. Essa influência parece fazer sentido, pois a maioria dos

alunos dessas instituições eram cristãos, mesma categoria que acabará sendo a primeira a emigrar em massa (Kirby, 2012).

É interessante mencionar que os mesmos dois fatores principais, que são as difíceis condições econômicas e a eclosão dos conflitos armados, irão motivar as seguintes ondas de imigração do Líbano ao longo do século XX. Por causa das guerras regulares contra Israel que é fundada em 1948 e da Guerra Civil Libanesa que dura de 1975 a 1990, milhares de pessoas escolheram deixar o país e ir para o Brasil, a maioria delas, desta vez, muçulmanos sunitas e xiitas (Daniel, 2012).

Por que esses pioneiros imigrantes escolheram o Brasil? A esta pergunta, alguns libaneses brasileiros mencionam uma história que faz sucesso entre a comunidade. De fato, conta a lenda que, durante sua viagem ao Oriente Próximo em 1876, o imperador do Brasil, Dom Pedro II, conheceu alguns camponeses e conversou com eles, a caminho de visitar ruínas de antigos templos romanos. Durante esse encontro não anunciado, ele supostamente contou a eles sobre a riqueza de seu país e os encorajou a se mudarem para o Brasil para enriquecer. Com suas palavras, ele provocou a corrida migratória (Associação Cultural Brasil-Líbano, 2011). Por meio dessa lenda, Dom Pedro II desempenha o papel de salvador e uma espécie de padroeiro de uma minoria brasileira que, portanto, tem lugar legítimo na sociedade brasileira graças à devoção e ao carinho que recebeu de uma das principais figuras do país.

É verdade que Dom Pedro II, que era um admirador da civilização árabe e falava o árabe entre outras línguas, visitou o Líbano em 1871 e 1876 (Daniel, 2015). Durante sua segunda viagem à região, ele se encontrou com várias famílias importantes de notáveis e intelectuais, incluindo os Jafets que mais tarde se tornariam uma das mais poderosas dinastias libanesas brasileiras, e os encorajou a migrar para o Brasil. No entanto, é improvável, especialmente em um mundo onde as informações ainda circulavam muito lentamente, que esse gesto por si só pudesse explicar a enorme escala do fluxo migratório humano do Monte Líbano para as Américas (Dyke, 2014).

O principal motivo para migrar para o Brasil foi enriquecer com a “Amrika” (América em árabe). A estratégia da maioria desses imigrantes era acumular um capital considerável no Novo Mundo antes de voltar ao seu país de origem. Essa imigração temporária chamada

“sojourning” terá um profundo impacto na natureza das atividades que eles realizarão, como veremos adiante.

Vale ressaltar que muitos desses primeiros candidatos árabes à imigração estavam indo primeiro para os Estados Unidos, visto que já era a primeira potência econômica do mundo na época. No entanto, era comum que não tivessem acesso ao território por motivos de saúde, legais ou de analfabetismo. Diante do caráter vergonhoso e custoso de uma viagem de volta ao Líbano, eles simplesmente optaram por rumar para o sul, a maioria desembarcando no Brasil ou na Argentina. Em alguns casos relatados, algumas empresas de navegação inescrupulosas chegaram a desembarcar seus passageiros nos portos do Rio de Janeiro ou de Santos, enganando-os, fazendo-os acreditar que haviam chegado à América do Norte.

Ao todo, esses primeiros imigrantes árabes no Brasil iam desempenhar o papel de desbravadores. Se sua experiência fosse bem-sucedida, mais deles seguiriam seus passos. Chegando aos portos brasileiros com passaportes emitidos pelo Império Otomano, eram conhecidos como Turcos, apelido que perdura até hoje, embora tenha perdido a antiga conotação pejorativa (Rodrigues, 2012).

De acordo com as estatísticas do IBGE, o instituto nacional de estatística do Brasil, entre 1884 e 1893, 96 “sírios e turcos” pisaram no Brasil. Na verdade, eles provavelmente vinham do Monte Líbano com passaportes otomanos, daí a confusão. A aventura bem-sucedida e lucrativa desses pioneiros, como descreveremos mais tarde, abrirá o caminho e provocará fluxos contínuos de imigrantes libaneses, ansiosos para enriquecer em um curto período de tempo no Novo Mundo. Esse número de chegadas aumentará para 7.124 no período de 1894-1903 e para 45.803 entre 1904 e 1913. A Primeira Guerra Mundial interrompeu os fluxos humanos entre o Mediterrâneo Oriental e a América do Sul. Porém, ao final do conflito, eles recomeçaram, ainda que em menor grau (Kirby, 2012, p. 106). Mais 40.800 imigrantes árabes se estabelecerão no Brasil de 1914 a 1933 (IBGE, 2000).

2.5 Fatores que levam ao empreendedorismo libanês

Como vimos anteriormente, durante o final do século XIX e no início do século XX, a imigração europeia e japonesa foi organizada e subsidiada por autoridades brasileiras e países parceiros estrangeiros. Ele visava quase exclusivamente o setor da agricultura, principalmente

a produção de café e borracha, que ainda era o setor econômico-chave do Brasil na época e o principal foco das políticas econômicas governamentais. Ao contrário, o Império Otomano não tinha tais acordos de trabalho agrícola com o Brasil. A imigração árabe foi, de fato, desorganizada e espontânea. Segundo Dyke (2014), “essa falta de apoio foi uma maldição e uma bênção” (Dyke, 2014, p. 46). Na verdade, a ausência de uma estrutura institucional que pudesse fornecer apoio e proteção foi amplamente compensada pelos benefícios da liberdade de escolher uma profissão. Poderiam, então, aproveitar todas as oportunidades que existiam no vasto território brasileiro e não se restringir às áreas agrícolas rurais. Na verdade, de acordo com um censo de 1934, 80% dos imigrantes árabes viviam em centros urbanos, enquanto 20% viviam no campo. Entre suas contrapartes japonesas, essas porcentagens eram exatamente opostas (Varella, 2000).

O recém-chegado libanês naquela época enfrentou vários desafios no Brasil. Conforme mencionado acima, ele não se beneficiou de parcerias de emprego entre seu país de origem e o governo local. Como esses acordos diziam respeito à área agrícola, dificultavam o acesso a esse setor que era o principal empregador do Brasil na época. No entanto, como a maioria desses imigrantes árabes eram agricultores em seu país, alguns conseguiram encontrar empregos na agricultura. No entanto, em um país dominado por grandes plantações, diferente do Líbano, onde a estrutura agrária consistia principalmente em pequenos campos individuais, eles rapidamente perceberam que levariam uma vida inteira de trabalho duro para adquirir sua própria fazenda, então logo decidiram se mudar para outros setores (Truzzi, 2002).

Outro obstáculo foi o idioma. Na verdade, embora muitos fossem alfabetizados graças à educação básica proporcionada por igrejas e escolas missionárias no Líbano, os imigrantes recém-chegados ainda não tinham aprendido a língua portuguesa. Isso estreitou ainda mais o escopo das profissões possíveis disponíveis para eles, como cargos administrativos e de escritório. Além disso, os migrantes árabes tinham certos requisitos sobre a atividade que iriam exercer no país anfitrião. Como seu plano era peregrinar no Brasil, o que significava que esperavam voltar para sua terra natal depois de acumular riquezas durante os anos passados no exterior, eles precisavam de uma ocupação que exigisse apenas um pequeno capital facilmente transferível.

Por estes fatores, o comércio e, em particular, a atividade de mascate, pareceram adequados aos objetivos deste grupo de imigrantes em particular no que diz respeito aos seus recursos iniciais e ambiente. O mascate é um vendedor autônomo independente que vende os itens de seu próprio estoque, portanto sua renda não é definida por um salário mensal, mas é

limitada pelo número de artigos que vende. O comércio ambulante não exigia um investimento inicial em terrenos ou equipamentos, nem envolvia custos fixos, como o aluguel de uma loja. Ele também não precisava de habilidades técnicas específicas nem de um grande conhecimento do idioma local. Mais importante, pode gerar altos lucros pessoais em um período relativamente curto de tempo, dependendo das margens e dos volumes vendidos (Kirby, 2012).

Esta atividade enquadra-se na definição ampla de empreendedorismo como a ação que consiste na constituição de uma empresa própria. No entanto, também se adequa à definição que elaboramos com base nos conhecimentos teóricos revisados. De fato, esses pioneiros aventureiros viram grandes oportunidades de comércio em um país enorme, onde tais atividades ainda eram consideravelmente subdesenvolvidas e a competição ainda era muito baixa, especialmente nas vastas e incontáveis plantações do interior brasileiro, onde cada vez mais novos imigrantes de todo o mundo estavam se acomodando. Isolados dos centros urbanos, muitas vezes obtinham seu abastecimento em bens básicos do dono da plantação, que os vendia a preços altíssimos, encontrando-se em situação de quase monopólio. Além disso, a maioria dos imigrantes árabes não veio com muito dinheiro (Kirby, 2012). No entanto, os recursos que possuíam não os limitavam na implementação de seus projetos. De fato, como veremos, seu estoque foi, na maioria das vezes, adquirido a prazo com grande flexibilidade para o reembolso. Por fim, introduziram práticas comerciais inovadoras e relativamente desconhecidas no Brasil, como descontos, venda a prazo e possibilidade de parcelamento. Os mascates libaneses desenvolveram todo um setor da economia, o comércio, ao mesmo tempo em que superavam os comerciantes não competitivos como os vendedores ambulantes portugueses e italianos ou os donos de plantações que vendiam artigos básicos aos seus trabalhadores. Em outras palavras, eles iniciaram um processo de “destruição criativa” formalizado por Schumpeter (Reier, 2000).

Embora não tenham exercido atividades empreendedoras em sua terra natal, pois seriam, na maioria, agricultores, as primeiras gerações de libaneses no Brasil tinham fortes valores que costumam estar ligados à imigração, como trabalho árduo, humildade e determinação para alcançar um propósito. Além disso, eles tinham um poderoso senso de solidariedade e ajuda mútua, pois vinham de uma sociedade muito clânica. Esse grupo de imigrantes também apresentava uma característica importante que iria transformá-lo em uma minoria de intermediários: a permanência. Com efeito, isso vai definir o seu modo de vida e a ocupação que escolherão nos seus primórdios que era o mascate, uma atividade que não exigia um capital importante e que era facilmente transferível.

Os primeiros imigrantes árabes no Brasil, principalmente libaneses, exerceram em

grande número a profissão de mascate. Embora o tráfico tenha sido praticado por colonos italianos e portugueses antes deles, seu impacto nessa atividade foi tão importante que a expressão Turco da prestação, sendo turco um apelido para árabes no Brasil, tornou-sesinônimo da palavra mascate. De fato, em 1893, 90% dos mascados registrados em São Paulo eram libaneses e, em menor medida, sírios e palestinos (Luca, 2015). A partir daí a profissão estará definitivamente associada aos árabes brasileiros. Está clara dominação étnica deveu-se a um sentido de solidariedade disseminado entre o grupo que possibilitou o surgimento de técnicas de venda inovadoras e a uma disponibilidade para a economia e trabalho árduo que lhes permitiu superar os seus concorrentes portugueses e italianos.

Em geral, o mascate libanês pegava seu estoque de um fornecedor libanês da cidade, tipicamente São Paulo, pólo econômico do país. Esse patrício (palavra em português que alguns libaneses usam para se referir a outro membro da comunidade) vendia seus produtos a crédito para o mascate. O mascate então pagaria seu fornecedor de volta assim que vendesse seu estoque. Este mecanismo de solidariedade foi crucial para a ascensão dos libaneses como vendedores ambulantes de sucesso e deu a eles uma enorme vantagem sobre os concorrentes que não podiam se beneficiar de tais arranjos e flexibilidade.

Essa parceria foi uma situação ganha-ganha para o mascate e seu fornecedor. Por um lado, isso significava que o estoque do mascate libanês não era limitado pelo capital que estava à sua disposição em determinado momento. Como um bom empresário, ele poderia então mobilizar recursos de terceiros para desenvolver seu negócio e gerar mais lucros. Sua principal tarefa, portanto, era encontrar clientes sem se preocupar muito em ter que comprar os itens em primeiro lugar. Por outro lado, para o fornecedor, a venda de produtos por meio de uma rede de vendedores ambulantes significava um maior giro de estoque. Ele poderia então comprar quantidades maiores e diminuir seus custos de compra, beneficiando-se, assim, de economias de escala. Quanto à capacidade do mascate em saldar sua dívida, o fornecedor se consolou com o fato de conhecer sua disposição de trabalhar muito para vender todo o seu estoque o quanto antes, pois tinha o mesmo objetivo de acumular riquezas antes de retornar à pátria. Além disso, os dois geralmente se conheciam por meio da família ou de uma rede de amigos que serviriam como uma espécie de garantia em caso de não pagamento (Kirby, 2012).

A flexibilidade dos fornecedores quanto ao pagamento permitiu que a máscara libanesa inovasse ao oferecer aos seus clientes a possibilidade de comprar a prazo ou parcelar. Eles privilegiaram altos giros de estoque e importantes volumes de vendas, mesmo que isso significasse margens mais baixas. Eles introduziram descontos e vendas enquanto se

preocupavam com as necessidades e expectativas de seus clientes. Essas técnicas comerciais eram relativamente novas em uma economia agrícola focada nas exportações. Isso faz Truzzi (2002) considerar os mascates árabes os verdadeiros inventores da distribuição em massa no Brasil. Às vezes, se um cliente não tivesse dinheiro suficiente, um mascate podia até aceitar trocar seus produtos por borracha, ouro, café ou qualquer outra mercadoria valiosa que ele mesmo pudesse negociar posteriormente (Truzzi, 2002). Essa flexibilidade deu uma vantagem tremenda a esses vendedores árabes sobre seus concorrentes (Kirby, 2012). Na verdade, não demorou muito para que eliminassem seus concorrentes italianos e assumissem a profissão. Em reação, estes últimos tentaram organizar uma campanha de boicote contra eles, sem sucesso (Truzzi, 2002,).

Depois de encher o porta-malas com artigos comprados de seu fornecedor libanês, como tecidos, roupas e artigos religiosos, o mascate típico pega a estrada para o interior, o interior brasileiro. No campo, vendia seus produtos para os cafeicultores que se sentiam menos isolados, pois o mascate também trazia novidades e objetos inovadores da cidade. Antes, eles não tinham escolha a não ser comprar produtos básicos do dia-a-dia de seus patrões, os fazendeiros, a preços caros. Os mascates exploraram toda a extensão do Brasil. Não se restringiram à malha ferroviária, mas, carregando suas malas e usando barcos, burros ou os próprios pés, penetraram nos ambientes mais hostis como na região amazônica, em busca de novos clientes e evitando a concorrência de outros mascates (Kirby, 2012).

O Turco se tornará então uma visão essencial do campo no início do século 20, vagando pelo interior com sua mercadoria. O mascate é personagem central na história do Sírio-Libanês no Brasil, onde desempenha o papel de um pioneiro e fundador mitificado.

Esta profissão envolveu condições de trabalho muito duras. Os vendedores ambulantes tinham que carregar malas pesadas e caminhar longas distâncias em ambientes e climas difíceis. Eles podiam trabalhar até 20 horas por dia procurando clientes em áreas rurais (Dyke, 2014). Por geralmente começarem com recursos financeiros muito limitados e devido à perspectiva de peregrinação, esses aventureiros costumavam dormir em hospedarias comuns baratas ou mesmo ao ar livre. Na cidade, onde poderiam obter seu abastecimento, eles viviam em casas de parentes ou dividiam acomodação com outros vendedores ambulantes. Essa lógica de privação e minimização das despesas diárias é consistente com a estratégia geral de acumulação de riqueza desses imigrantes. Essa tendência à economia também caracteriza as minorias de intermediários.

Mais tarde, a partir da década de 1930, a comunidade empresarial libanesa se

beneficiará de outras circunstâncias favoráveis. Com efeito, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder e o início do que viria a ser conhecido como era Vargas, o paradigma dominante na economia outrora agrícola foi substituído por um enfoque especial na indústria. A velha visão do Brasil como uma vasta plantação produtora de bens agrícolas a serem exportados para todo o mundo aos poucos vai deixando lugar para outra que consistia em transformar o país em um gigante industrial autossuficiente. Portanto, as novas elites políticas tinham grande necessidade de empresários locais que estivessem dispostos e fossem capazes de fazer os investimentos necessários na indústria. A fim de incentivá-los a se tornarem industriais a serviço do progresso da nação na visão de seus líderes, todo um conjunto de políticas econômicas foi adotado incluindo desonerações fiscais, apoio governamental e altas taxas alfandegárias para eliminar ou reduzir a concorrência de importados produtos. Medidas também foram tomadas com o objetivo de desenvolver a classe média urbana, ampliando, assim, o mercado interno de produtos manufaturados. Nesse contexto, aqueles entre os empresários libaneses bem-sucedidos estavam em posição adequada para aproveitar esses incentivos estaduais e da mudança geral para a indústria, especialmente aqueles que já haviam passado tempo suficiente no Brasil para desenvolver seus empreendimentos comerciais existentes.

Assim, parece que os empresários libaneses aproveitaram a ocorrência de um conjunto favorável de oportunidades. Em primeiro lugar, várias circunstâncias impuseram a escolha das atividades empresariais como suas ocupações profissionais. Em segundo lugar, no Brasil, uma série de oportunidades econômicas foi apresentada a eles no final do século 19 e na primeira metade do século 20. Graças à sua orientação para o empreendedorismo e ao seu sucesso inicial nos negócios, os imigrantes libaneses puderam se beneficiar deles e construir uma base sólida para si próprios de forma que possam continuar aproveitando mais oportunidades ao longo do último século.

2.6 Empreendedorismo Imigrante dos Sírio-libaneses na cidade de São Paulo, Brasil

Como vimos, a notícia do sucesso das primeiras gerações levantinas no Brasil inspirou cada vez mais pessoas a seguir o caminho da imigração. Além disso, os próprios imigrantes encorajaram os seus familiares e amigos a juntarem-se a eles para aproveitarem as mesmas perspectivas económicas positivas e oportunidades de que têm beneficiado. Isso levou à formação de uma migração em cadeia organizada entre o Líbano e o Brasil. Antes da Primeira Guerra Mundial, entre 120.000 e 330.000 pessoas haviam partido do porto de Beirute, principalmente em direção aos Estados Unidos, Brasil e Argentina (Karam, 2004, p. 323). Entre

1884 e 1913, mais de 50.000 turcos e sírios, na verdade a maioria libaneses, foram registrados na alfândega brasileira. De fato, como muitos imigrantes não passaram por portos governamentais, acredita-se que o número real seja maior.

Ao contrário dos mais velhos, que chegaram ao desconhecido em quase todos os sentidos da palavra, os novos candidatos à imigração geralmente tinham todas as informações de que precisavam antes mesmo de iniciar sua jornada. Por exemplo, eles sabiam para onde ir, que trabalho farão e, mais importante, quem os hospedará. Na maioria das vezes, era um parente ou conhecido da família que já morava no Brasil há vários anos, começando como mascate (Kirby, 2012,). Depois de acumular um capital considerável, esse imigrante já estabelecido costumava se mudar para abrir uma loja de varejo ou atacado na cidade a fim de acumular riqueza ainda mais rápido antes de poder retornar à pátria. Ao longo dos seus anos no Brasil, acolheu familiares ou conhecidos e ensinou-lhes a atividade de mascate permitindo-lhes aprender com a sua experiência. Ao mesmo tempo, ele poderia se beneficiar do trabalho de vendedores motivados e leais para liquidar seu estoque.

Os clientes dos atacadistas eram principalmente vendedores ambulantes libaneses, cujo objetivo também era abrir sua própria loja assim que reunissem dinheiro suficiente. Conseqüentemente, essa se tornaria a trajetória clássica do imigrante levantino médio. Em 1907, 80% das 315 empresas de capital árabe em São Paulo eram atacadistas de roupas e armarinhos que precisavam cada vez mais de vendedores ambulantes para vender seus produtos e expandir seus negócios (Karam, 2004). Com isso, estabeleceu-se uma migração em cadeia trazendo a cada ano milhares de novos imigrantes sírio-libaneses que alimentaram o enriquecimento de quem esteve por mais tempo no Brasil. Dessa forma, famílias inteiras migraram para se juntar a um irmão ou primo bem estabelecido nas Américas (Kirby, 2012,).

Portanto, a colônia Sírio-Libanesa (colônia ou comunidade sírio-libanesa) do Brasil nasceu com cerca de metade de seus membros morando na cidade de São Paulo. Historicamente, foi sediada na famosa rua 25 de Março, no centro de São Paulo. Naquela rua e nos arredores, havia uma alta concentração de lojas varejistas e atacadistas de propriedade do Levante que vendiam vários tipos de produtos. A escolha desta rua parece ter sido motivada pelo imobiliário barato e pela sua proximidade com a estação da Luz, o que era muito conveniente para os vendedores ambulantes que podiam adquirir produtos aos seus fornecedores e saltar rapidamente no comboio para regressar ao interior onde a maioria de seus clientes costumavam viver (Kirby, 2012, p. 173). Na primeira metade do século 20, tornou-se um enclave do Oriente Médio bem no centro da capital econômica do Brasil.

Acredita-se que o primeiro negócio de árabe na rua 25 de Março tenha sido inaugurado em 1890 por Basilio Jafet, a quem logo se juntaram seus irmãos (Portal do Ipiranga, 2012). Juntos, eles se tornarão a família libanesa mais poderosa e proeminente do Brasil e uma verdadeira dinastia promovendo e defendendo os interesses da comunidade. Sua história é representativa da ascensão dos imigrantes árabes da classe baixa à elite do país de adoção.

No fim do século XIX os imigrantes já possuíam uma presença significativa na economia do estado de São Paulo, em particular sua capital, demonstrado pelo perfil da força de trabalho da cidade (Tabela 1).

Tabela 1 - Força de Trabalho Doméstica e Estrangeira por Setor de Atividade Econômica em São Paulo (1893)

Setor	Trabalhadores Domésticos	Trabalhadores Estrangeiros	Total
Transporte e Afins	1.998 (18,98%)	8.527 (81,02%)	10.525
Artístico (e Artesanato)	1.481 (14,46%)	8.760 (85,54%)	10.241
Comercial	2.680 (28,34%)	6.776 (71,66%)	9.456
Indústria	774 (21,11%)	2.893 (78,89%)	3.667
TOTAL	6.933 (20,6%)	26.956 (79,54%)	33.889

Fonte: Santos (1998).

O quadro mostra que os imigrantes tiveram setores quase inteiros de atividade econômica, relacionadas a serviços urbanos básicos como por exemplo, restaurantes e mercados de alimentos e também, as áreas de manufatura, indústria têxteis.

2.7 Motivações para empreender

Dana e Morris (2007) distinguem dois tipos de motivações para as atividades empresariais. O primeiro, positivo, possui fatores que “puxam” o empreendedorismo baseado na oportunidade. O segundo, negativo, tem a ver com fatores que “empurram” as pessoas para o empreendedorismo, baseado na necessidade. Os fatores de atração incluem a necessidade de realização e o desejo de independência. Os fatores de empurrar incluem o desemprego e a pressão familiar.

Fatoki e Patswawairi (2012) e Manev et al. (2005) afirmam que existem quatro categorias para definir os motores do empreendedorismo, sendo eles:

- (1) recompensas extrínsecas (empurrar);
- (2) recompensas intrínsecas (puxar);
- (3) independência / autonomia (puxar); e
- (4) família (empurrar).

Os fatores negativos de impulso podem gerar situações negativas, como amarginalidade social, incapacidade de encontrar trabalho no setor formal regular, subemprego, pagamento insuficiente, discriminação no mercado de trabalho e redundância (Hagen, 1962). Em contrapartida, os fatores positivos, demonstram o desejo de buscar independência, controle de seu futuro, status social mais elevado, uso de sua própria iniciativa e o desejo de alavancar suas habilidades pessoais (Nwankwo, 2005, p. 128).

As características dos empresários imigrantes foram apresentadas por Chrysostome (2010, p.138), Minand e Bozorgmehr (2000), Rumbaut (1995) (Tabela 2):

Tabela 2 - Características dos Empresários Imigrantes

CARACTERÍSTICAS DOS EMPRESÁRIOS IMIGRANTES DE:	
OPORTUNIDADE	NECESSIDADE
Decidem livremente abrir um negócio para aproveitar a oportunidade de negócio (Co et al., 2006, p. 27; Block e Wagner, 2006).	As atividades empreendedoras representam uma tentativa de sobrevivência no país anfitrião.
Possuem um perfil profissional que lhes permite um melhor acesso ao capital inicial de instituições financeiras do país anfitrião.	Falta de capital e apoio de instituições financeiras
São altamente qualificados e alguns possuem um diploma de uma universidade no país anfitrião.	Possuem educação do país originário (baixo nível educacional)
Em geral, são proficientes em outros idiomas, mas principalmente em inglês	Não possuem conhecimento no idioma do país anfitrião ou um segundo idioma, no geral.
Normalmente, não contratam apenas funcionários co-étnicos. Contratam também, funcionários do país anfitrião, proporcionando emprego aos habitantes locais.	São solidários aos funcionários co-étnicos, com trabalhos mais flexíveis para ajudar a obter o status de trabalhador (no mercado convencional é muito mais difícil de acender) (Chrysostome, 2010).
	Geralmente, são imigrantes nativos de países em desenvolvimento (Chrysostome, 2010; Peberdy e Rogerson, 2000, Rogerson, 1997).

	Em geral, a grande maioria dos empresários imigrantes, são do sexo masculino e de meia idade. (Khosa e Kalitanyi, 2014; Chrysostome, 2010; Kalitanyi, 2007; Collins, 2002; Rogerson, 1997).
--	---

Fonte: Adaptado de Khosa e Kalitanyi (2020)

3. METODOLOGIA

3.1 Introdução

O estudo realizado assumiu a forma de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa. A escolha de uma metodologia qualitativa foi privilegiada porque este tipo de pesquisa permite captar não só as manifestações visíveis de um fenômeno, mas também o seu significado. Ao adotar uma abordagem qualitativa, podemos ir além da mera percepção de um problema e compreender melhor sua essência, bem como as diferentes relações que o estruturam e influenciam. De acordo com Berg (2007), “pesquisa qualitativa, portanto, refere-se aos significados, conceitos, definições, características, metáforas, símbolos e descrições das coisas. Em contraste, a pesquisa quantitativa se refere a contagens e medidas de coisas” (Berg, 2007, p.82). Além disso, números e dados detalhados sobre a população libanesa, incluindo descendentes de libaneses no Brasil, não estão disponíveis, o que torna uma abordagem quantitativa difícil e altamente aproximada.

Foi identificado a análise de dados secundários encontrados em bibliotecas como Science Direct e Google Scholar como a principal e mais comum forma de realização de uma pesquisa exploratória. Portanto, para responder às principais questões de pesquisa, se baseou na história documentada da imigração libanesa no Brasil e no conhecimento acadêmico disponível nas áreas de empreendedorismo e sociologia para compreender a trajetória e a importância do empreendedorismo na comunidade libanesa brasileira. Também foram utilizados depoimentos e relatos de empresários libaneses publicados em matérias de revistas e reportagens sobre o assunto.

Além disso, a pesquisa exploratória também dá a oportunidade para um número de participantes selecionados contribuir dando suas próprias respostas, opiniões e percepções relacionadas ao assunto. Assim, outra grande ferramenta utilizada por esse tipo de pesquisa para a coleta de dados é a entrevista. Ao conduzir entrevistas para uma pesquisa exploratória, o foco não deve ser dado na representatividade do tamanho da amostra, mas na seleção de participantes apropriados que podem fornecer ao pesquisador percepções valiosas. A diversidade de respostas que eventualmente possam surgir apresentará ao pesquisador diferentes temas e dimensões de um mesmo problema que poderão então ser analisados (Kolb, 2008).

Assim, além da coleta de dados secundários da revisão da literatura, realizou-se entrevistas semiestruturadas a fim de reunir dados e informações sobre o tema da pesquisa. O objetivo dessas entrevistas foi explorar pontos de vista, experiências e percepções de indivíduos

sobre o assunto. Este tipo de entrevista consiste em um conjunto de questões que abrangem diversos temas de estudo. O entrevistado pode, no entanto, desenvolver seu próprio pensamento sobre cada tema com intervenção orientadora limitada do entrevistador (Gill, Stewart e Chadwick, 2008). Para este estudo, foram entrevistados cinco libaneses brasileiros de diferentes gerações e origens, vindos de várias áreas econômicas. As entrevistas foram realizadas em encontros que geralmente duravam 60 minutos.

3.2 Amostra

Os respondentes foram selecionados por meio de um critério não probabilístico. A amostragem pode ser definida como uma técnica para localizar participantes da pesquisa por meio de referências feitas por conhecidos ou outros participantes. É uma forma informal de atingir uma população-alvo, principalmente usada para pesquisas exploratórias pelos benefícios práticos que oferece (Atkinson & Flint, 2001).

Ao todo, doze entrevistados, cinco formais e sete informalmente, foram selecionados por pertencerem à comunidade libanesa de São Paulo (Tabela 3).

Tabela 3 - Características dos Entrevistados

Entrevistado	Sexo	Idade	Nascimento	Campo de Negócios
Entrevistado 1	Homem	54	São Paulo	Serviços de Comida
Entrevistado 2	Homem	67	Líbano	Têxtil
Entrevistado 3	Mulher	49	São Paulo	Dentista

Entrevistado 4	Homem	52	Líbano	Serviços de Comida
Entrevistado 5	Homem	58	Líbano	Construção

Os respondentes formais foram escolhidos por meio de referências de outros entrevistados, bem como de conhecidos e amigos pessoais. O contacto com os entrevistados foi efetuado, inicialmente presencialmente, com o objetivo de explicar o projeto de investigação e qual o propósito da entrevista a realizar.

Devido ao seu pequeno número, não podem ser considerados uma amostra representativa do grupo estudado. No entanto, conforme explicado acima, as entrevistas em uma pesquisa exploratória não pretendem focar amostras representativas. Em vez disso, visam lançar luz sobre várias dimensões do problema de pesquisa, bem como capturar percepções de membros da população-alvo (Kolb, 2008). No entanto, apesar do tamanho limitado do grupo formalmente entrevistado, os perfis dos entrevistados eram diversos. Quatro deles eram empresários que atuavam em ramos de negócios onde atuava grande parte de libaneses, que são têxteis, construção civil e serviços alimentícios. Três entrevistados nasceram no Líbano, enquanto dois são descendentes de imigrantes sírio-libaneses. As entrevistas foram realizadas de forma presencial.

A mobilidade social ascendente vivenciada pela comunidade libanesa brasileira ocorreu naturalmente ao lado de uma integração avançada à sociedade receptora. Como visto antes, empresários libaneses empregavam trabalhadores brasileiros em suas lojas e fábricas, políticos originados da comunidade conseguiu reunir votos de todos os segmentos da população em geral, os profissionais liberais serviram a toda a sociedade e, mais importante, os filhos dos imigrantes foram para a escola com o resto de seus colegas brasileiros. Como apresentamos na revisão da literatura, a identidade do libanês no Brasil evoluiu e assumiu diferentes formas ao longo de sua história. Assim, ficamos imaginando como eles se definem hoje.

Com base em nosso estudo, que envolveu conhecer e observar diferentes membros da comunidade, bem como entrevistar uma dúzia deles, podemos distinguir três categorias principais: imigrantes que cresceram no Líbano e chegaram ao Brasil jovens ou velhos, indivíduos que nasceram no Líbano e foram trazidos para este país por suas famílias quando ainda eram crianças e pessoas de origem libanesa que nasceram e foram criadas no Brasil por imigrantes ou seus descendentes.

A identidade da primeira categoria é caracterizada por uma forte fundação inicial libanesa ao lado de uma camada brasileira que se desenvolveu ao longo dos anos enquanto

vivia no país anfitrião para onde imigrou. A manifestação mais visível dessa filiação ao background cultural original é provavelmente o uso extensivo da língua árabe libanesa com patrícios, companheiros da comunidade, que têm mais ou menos a mesma idade. Isso é especialmente verdadeiro para os libaneses brasileiros mais velhos que, como tive a oportunidade de observar, falam em árabe libanês com seu cônjuge e amigos. Para esta categoria, este parece ser o caso independentemente da religião, visto que encontramos imigrantes judeus, muçulmanos e cristãos libaneses que se enquadram nessa descrição de comportamento. Outras manifestações visíveis incluem os hábitos culinários árabes, a participação em eventos especiais libaneses, instituições e clubes sociais e um importante interesse pela política e cultura do Oriente Médio.

A segunda categoria identificada é aquela que reúne os libaneses brasileiros que nasceram no Líbano e que imigraram para o Brasil ainda crianças, seguindo seus pais. Esses indivíduos podem ser definidos igualmente como libaneses e brasileiros. Alguns ainda têm vívidas memórias de infância do Líbano, enquanto outros entrevistados para o propósito desta dissertação, voltaram lá em algumas ocasiões para visitar parentes e explorar sua herança. Bem integrados à sociedade receptora, muitos de seus amigos e pessoas com quem trabalham são brasileiros de diferentes origens. Portanto, eles não podem usar o idioma árabe extensivamente. No entanto, muitos deles podem falar isso, principalmente quando se trata de se comunicar com seus pais.

Por fim, a categoria dos descendentes de libaneses nascidos e criados no Brasil está totalmente integrada à sua sociedade. Sua identidade pode ser considerada brasileira, sendo o Líbano considerado uma terra ancestral. A maioria deles nunca esteve na terra natal dos pais ou avós e seu conhecimento da língua árabe é relativamente limitado. Isto é particularmente verdadeiro para os indivíduos que têm apenas um dos pais de ascendência libanesa, sendo o português a língua comum da família nesses casos. Porém, neste ponto, é interessante mencionar que em muitos lares de libaneses brasileiros, o casal de imigrantes se fala em árabe libanês enquanto se comunicam com seus filhos em português. É o caso, por exemplo, de Edmond Chalita, um dos entrevistados, cuja língua materna é uma mistura de português e árabe libanês. Portanto, por sua total integração e imersão na sociedade brasileira, os descendentes de libaneses geralmente não se veem realocados no Líbano, país sobre o qual não possuem um bom conhecimento e cuja imagem é relativamente negativa entre eles. Assim, dois entrevistados que nasceram em São Paulo não falavam árabe e não pensavam em se mudar para o Líbano, pois sua vida foi inteiramente construída no Brasil. A geração dos filhos doutores, a segunda geração de libaneses com alto nível de escolaridade no Brasil, pertence a essa

categoria. Sendo sua identidade principalmente brasileira, seu compromisso com os assuntos políticos, culturais, sociais e acadêmicos de seu país foi importante e notável.

Vale ressaltar que parece que a identidade da minoria muçulmana da comunidade libanesa brasileira tendia a estar mais ligada ao Líbano do que a outras religiões, principalmente quando comparada aos cristãos maronitas. Por exemplo, o uso do árabe, mesmo com seus filhos nascidos no Brasil, é importante entre os imigrantes muçulmanos libaneses. Além disso, um dos entrevistados, de religião muçulmana, foi o único que declarou estar planejando voltar para o Líbano quando se aposentasse e cuja língua materna era o árabe. Este fenômeno foi relatado de forma semelhante por revisão de literatura, como nas obras de Elsa El Hachem Kirby. Diversas explicações podem ser fornecidas para compreender essa tendência. Primeiro, a imigração muçulmana vinda do Líbano ocorreu recentemente e começou a se tornar importante na década de 1980 com a escalada da guerra civil libanesa.

Comparado com a imigração cristã que pode ser rastreada até o final do século 19, é um movimento relativamente novo. Portanto, os imigrantes muçulmanos ainda podem estar em uma abordagem temporária, da mesma forma que seus companheiros cristãos, antes de abandoná-la e passar a integrar a sociedade anfitriã. Em segundo lugar, por ser um fenômeno que aconteceu recentemente, os imigrantes poderiam se beneficiar de tecnologias modernas a custos acessíveis em transporte como aviação comercial ou em comunicações como ligações internacionais por telefone, televisão por satélite e a internet que lhes permitia ficar conectado com sua terra natal.

Essas tecnologias não estavam disponíveis ou eram muito caras nos primeiros estágios da imigração libanesa, que dizia respeito quase exclusivamente aos cristãos que, portanto, estavam relativamente isolados de sua pátria e de seus negócios. Finalmente, outra explicação poderia ser a própria religião. Sendo o árabe a língua sagrada do Islã, os brasileiros muçulmanos libaneses podem ser, portanto, mais apegados a ela. Além disso, sendo o Brasil um país de maioria cristã, isso pode ter facilitado a integração dos cristãos.

3.3 Instrumento de recolha de dados

As grandes vantagens da entrevista semiestruturada são a flexibilidade e a chance de rápida adaptação. Esse tipo de entrevista pode ser ajustado tanto ao candidato quanto às circunstâncias. Ao mesmo tempo, um pequeno roteiro de perguntas contribui para a reunião das informações apuradas.

O objetivo dessas entrevistas de pesquisa foi explorar pontos de vista, experiências e

percepções de indivíduos sobre o assunto. Este tipo de entrevista consiste em um conjunto de questões que abrangem diversos temas de estudo. O entrevistado pode, no entanto, desenvolver seu próprio pensamento sobre cada tema com intervenção orientadora limitada do entrevistador (Gill, Stewart, & Chadwick, 2008).

A realização das entrevistas semiestruturadas teve como objetivo recolher informação acerca dos seguintes tópicos:

- Quais foram as motivações para a escolha de se integrar no Brasil
- Quais as motivações e as dificuldades enfrentadas para a criação do seu próprio negócio
- Quais as melhorias podem ser realizadas para que o empreendedor imigrante tenha maior suporte no mercado

O guião da entrevista em anexo no índice, era composto de 14 questões, elaboradas tendo em mente o objetivo de recolher as informações necessárias para obter respostas às questões de investigação. O guião foi desenhado ligando cada conjunto de questões ao objetivo da investigação

3.4 Análise

As entrevistas foram transcritas no final de cada uma delas, manualmente, para permitir uma primeira análise das informações recolhidas.

Os dados coletados ao longo do estudo foram analisados por meio da técnica conhecida como análise de conteúdo, que Babbie (2015, p. 323) define como “o estudo das comunicações humanas gravadas”. Por ser uma das ferramentas mais antigas de análise de pesquisa, consiste em padronizar uma coleção de dados brutos em uma determinada forma (Babbie, 2015). Outra definição dada por Mayring (2014) citada por Kohlbacher (2006) pretende incluir o contexto e o significado implícito. Assim, para ele, a análise de conteúdo é uma abordagem empírica e metodológica para analisar textos dentro de seus contextos de comunicação (Kohlbacher, 2006). Além disso, a análise de conteúdo qualitativa também é definida como um método de pesquisa que permite a “interpretação subjetiva do conteúdo dos dados do texto por meio do processo de classificação sistemática de codificação e identificação de temas ou padrões” com o objetivo de compreender o assunto estudado (Hsieh & Shannon, 2005).

Nessa dissertação optou-se por elencar as etapas da técnica segundo Bardin (2006), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise é a fase em que se organiza o material a ser analisado com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita por meio de quatro etapas: (a) leitura flutuante, (b) escolha

dos documentos, (c) formulação das hipóteses e dos objetivos; (d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores.

A exploração do material constitui a segunda fase, que consiste na exploração do material com a definição de categorias e a identificação das unidades de registro e das unidades de contexto nos documentos, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro. A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Esta etapa é destinada ao tratamento dos resultados; ocorre nela a condensação e o destaque das informações para análise, culminando nas interpretações inferenciais; é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica (Bardin, 2006).

Portanto, a técnica de análise de conteúdo forneceu uma ferramenta valiosa para analisar os dados secundários que foi possível coletar, bem como os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e conversas informais com membros da população-alvo. Isso permitiu obter respostas as questões de investigação.

4. RESULTADOS

4.1 Introdução

Diferentemente de seus congêneres europeus e asiáticos, as primeiras gerações de imigrantes libaneses chegaram ao Brasil de forma espontânea. A viagem não foi organizada nem subsidiada. Eles não receberam empregos ou terras antes mesmo de chegarem ao continente americano. Seu acesso ao emprego agrícola era, portanto, restrito ou pelo menos mais difícil. Além disso, como a esmagadora maioria deles não falava a língua portuguesa, foram excluídos de cargos administrativos e de escritório, bem como de muitas outras oportunidades de emprego.

Consequentemente, essas motivações empurraram os recém-chegados árabes ao empreendedorismo. De certa forma, isso foi benéfico para eles, porque o Brasil ainda era um país onde ainda havia muito a ser desenvolvido em termos de comércio e indústria e onde as oportunidades de negócios eram enormes. Ao mesmo tempo, os imigrantes libaneses abraçaram empreendedorismo porque era perfeitamente adequado para sua abordagem de permanência. Por meio do trabalho autônomo e da propriedade que isso envolvia, eles poderiam ganhar dinheiro muito mais rápido do que se estivessem empregados, especialmente quando comparados aos empregos agrícolas. Como resultado, de acordo com seus planos, eles poderiam retornar ao Líbano mais cedo. Além disso, a aposta no comércio e no mascate foi motivada pela liquidez da atividade e pelos ativos necessários à sua realização, o que era importante caso conseguissem regressar à sua terra natal. Portanto, esses comerciantes levantinos se

beneficiaram do crescimento da economia nacional e da população decorrente da agricultura, principalmente do café e da produção de borracha.

A maioria dos empresários entrevistados e as pessoas com ascendência libanesa que encontrei por meio de minha pesquisa destacaram a existência de laços poderosos e eficientes entre indivíduos que compartilham uma origem libanesa. Alguns deles até se beneficiaram dessa rede para a criação de seus empreendimentos. Na maioria das vezes, a rede próxima consiste em familiares e amigos. De maneira geral, isso pode incluir os conhecidos destes últimos, seus parceiros de negócios e colegas, bem como outros membros da comunidade que podem ser encontrados por meio da rede próxima ou de instituições comuns onde os libaneses brasileiros costumam se reunir e se socializar. Por exemplo, os inúmeros clubes sociais que existem só na cidade de São Paulo, entre os quais o Clube Atlético Monte Libano é considerado o mais importante em todos os aspectos, são locais onde libaneses e seus descendentes podem encontrar parceiros, ampliar sua rede e fazer negócios.

Como muitos descendentes trabalham como profissionais liberais, essa rede também pode ser ilustrada pelo uso de seus conhecimentos jurídicos, técnicos ou médicos por outros membros da comunidade. No entanto, isso deve ser colocado em perspectiva, pois não há impedimento para formar parcerias e trabalhar com brasileiros de origem não libanesa ou utilizar seus serviços como profissionais liberais, se for considerado que eles atendem melhor a seus interesses. Não é uma comunidade fechada, mas sim muito aberta e integrada. A rede pode ser considerada uma ferramenta a ser ativada se necessário.

Alguns dos entrevistados que entrevistei afirmaram que se beneficiaram de sua rede libanesa em várias ocasiões. Por exemplo, Edmond Chalita que chegou ao Brasil com seu irmão na década de 1960 foi apoiado por sua família e seus conhecidos para abrir seu primeiro negócio de importação de têxteis. Ao longo de sua trajetória nos negócios, ele pôde obter informações, conselhos e ajuda de amigos e colaboradores libaneses. “Tive vários sócios, inclusive meu irmão. Eles eram todos libaneses. Conheci-os de família ou os conheci no Brasil”, respondeu quando lhe perguntei se já teve sócios ao longo de sua trajetória empresarial. O pai de Michel Chedid recebeu orientação de amigos libaneses para penetrar no campo da construção. Além disso, sua empresa fez parcerias com promotores imobiliários libaneses em diversos projetos. A este respeito, declarou sobre os seus parceiros: “No início, eram na sua maioria libaneses. Agora, podemos fazer parceria com pessoas diferentes”.

4.2 Motivações para a escolha de se integrar no Brasil

Foram identificadas as motivações listadas no texto para cada um dos entrevistados e

foram colocadas na Tabela 4, a fim de constatar os resultados

Tabela 4 - Motivações levantadas no trabalho percebida nos entrevistados

Motivação para sair do País de Origem	Motivação para escolher o Brasil	Motivação para empreender no Brasil
Entrevistado 2	Entrevistado 2	Entrevistado 1
Entrevistado 4	Entrevistado 4	Entrevistado 2
Entrevistado 5	Entrevistado 5	Entrevistado 3 Entrevistado 4 Entrevistado 5

A história da imigração libanesa no Brasil, começou a ocorrer no final do século XIX, que segundo os entrevistados e o contexto histórico foram motivados pelos massacres onde milhares de pessoas morreram. Uma séria turbulência econômica também ocorreu como resultado do forte enfraquecimento da indústria principal e essa situação era esperada para perdurar. Então a motivação de vir para o Brasil, centrou-se na região de São Paulo, embora tenha abrangido todo o território brasileiro, desde a hostil selva amazônica até as amplas terras férteis do sul. Como consequência, essa imigração ocorreu em um contexto de boom da economia paulista e de grande geração de riquezas advinda da produção cafeeira atraindo milhares de imigrantes estrangeiros.

4.3 Dificuldades enfrentadas para a criação do seu próprio negócio no Brasil

As dificuldades listadas no texto também foram identificadas nos entrevistados, e foram caracterizadas e listadas na Tabela 5:

Tabela 5 - Entrevistados que enfrentaram dificuldades

Dificuldade cooperação da comunidade Libanesa no Brasil	Dificuldade de empreender como Imigrante no Brasil	Dificuldade em obter apoio do governo brasileiro para empreender

Entrevistado 2	Entrevistado 1	Entrevistado 2
Entrevistado 5	Entrevistado 2	Entrevistado 4
	Entrevistado 3	Entrevistado 5
	Entrevistado 5	

Um dos empresários que tive a oportunidade de entrevistar, relatou que seu pai libanês teve que lutar sozinho quando os tempos eram difíceis e que ele recebeu pouca ajuda de conterrâneos. “Meu pai teve que trabalhar muito sozinho”, disse ele. Outro entrevistado, explicou que os libaneses tendem a ser menos prestativos quando as condições são extremas, como no caso de uma falência. Ele mencionou que existe um ditado popular entre a comunidade que diz: “todo libanês é primo até a primeira falência”. Isso evidencia a extrema importância dada ao conceito de sucesso dentro da comunidade libanesa no Brasil. Este grupo está amplamente associado à sua imagem e sua comunicação geral gira em torno do sucesso, talvez a fim de amplificar

4.4 Fatores a melhorar para que o empreendedor imigrante tenha maior suporte e facilidade de entrar no novo mercado

Tabela 6 - Fatores identificados pelos entrevistados como fatores de facilidade para entrar no mercado

Maior integração a comunidade Libanesa	Ajuda com a língua Portuguesa	Incentivo ao Ensino Superior	Suporte com o Entendimento do sistema Brasileiro
Entrevistado 1	Entrevistado 1	Entrevistado 1	Entrevistado 1
Entrevistado 2	Entrevistado 2	Entrevistado 2	Entrevistado 2
Entrevistado 3	Entrevistado 3	Entrevistado 3	Entrevistado 3
Entrevistado 4	Entrevistado 4	Entrevistado 4	Entrevistado 4
Entrevistado 5	Entrevistado 5	Entrevistado 5	Entrevistado 5

4.5 Contributo da diversidade cultural na capital paulista para alavancar a economia local

A partir da descrição feita por observadores dessa área urbana da cidade de São durante o final do século XIX até meados do século XX, a rua 25 de Março apresentava muitas das características de um enclave étnico teorizado por Portes e Manning (2015) e apresentadas

acima no capítulo sobre o referencial teórico. Na verdade, aquele bairro era uma concentração geográfica de empresas de propriedade de árabes que foi claramente identificada como uma área árabe pelo resto da população e pelos próprios imigrantes levantinos.

Como um observador citado por Truzzi (2002) descreveu, este distrito era um lugar onde “a atmosfera é claramente síria. Existem bibliotecas que vendem apenas livros em árabe. Você sempre ouve músicas típicas e canções sentimentais cantadas pelas melhores vozes do Oriente” (Truzzi, 2002, p. 128). Embora algumas empresas tenham como alvo principalmente clientes da comunidade árabe, como restaurantes do Oriente Médio ou, como mencionado pela citação acima, bibliotecas que vendem livros em árabe, a grande maioria consistia em varejistas de têxteis e lojas de atacado que atendiam à população brasileira em geral, tanto em nas cidades e no campo, através da rede dos mascates. Esse bairro tinha um caráter bastante marcante do Oriente Médio e desde então foi amplamente associado à comunidade árabe-brasileira.

Seguindo o caminho usual que a maioria dos enclaves étnicos toma para emergir, o enclave árabe da rua 25 de Março cresceu muito rapidamente, como consequência da forte solidariedade existente entre os membros da comunidade Sírio-Libanesa no estado de São Paulo e no Brasil em geral. Isso possibilitou duas coisas principais. Primeiro, a solidariedade entre os imigrantes libaneses permitiu que eles se beneficiassem de recursos possuídos por outros. Consequentemente, eles poderiam se beneficiar de práticas como empréstimos baratos e vendas a crédito, o que lhes dava uma tremenda vantagem competitiva na condução de seus empreendimentos comerciais. Em segundo lugar, levou à criação de uma cadeia de migração entre o Líbano e o Brasil. Portanto, os empresários libaneses já estabelecidos poderiam contratar mão de obra barata e leal ou vender seus produtos por meio de uma rede maior de vendedores ambulantes e, assim, aumentar seu giro de estoque. Como consequência, tanto o enclave étnico da rua 25 de Março quanto a comunidade libanesa no Brasil aumentaram em tamanho e peso econômico.

Podemos ver que esta concentração do enclave étnico em uma determinada área geográfica definida serviu a um propósito de proximidade permitindo que seus membros se beneficiassem dos recursos da comunidade de forma eficiente. Portanto, a concentração de empresários libaneses naquele bairro facilitou o surgimento de uma rede poderosa que poderia prestar diversos serviços aos membros da colônia e facilitar sua busca por financiamento, emprego ou moradia.

Entretanto, a comunidade libanesa se espalhou para outros bairros da cidade, principalmente para os bairros nobres, pois subiu na escala social brasileira e ocupou outros campos que não o comércio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi verificar as motivações dos Libaneses para a escolha de se integrar ao Brasil, as motivações e as dificuldades enfrentadas para a criação do seu próprio negócio, as melhorias que podem ser feitas para que esse empreendedor imigrante tenha maior suporte e facilidade no novo mercado, além de como a diversidade cultural dos sírio-libaneses na capital paulista contribuiu positivamente para alavancar a economia local. Para isso foi realizado entrevistas com moradores descendentes que são empreendedores e foi revisado o caso do empreendedorismo libanês no Brasil, a fim de melhor compreender os fatores históricos que levaram ao seu predomínio entre a comunidade libanesa presente no país.

A escolha deste tema foi motivada pelo fato de seu exemplo representar um caso interessante em que o empreendedorismo elevou um grupo socialmente e desempenhou um papel importante na definição de sua própria identidade. Além disso, como os empresários desta minoria étnica em particular têm sido geralmente bem-sucedidos na condução de seus empreendimentos comerciais a ponto de os libaneses no Brasil terem sido amplamente associados ao sucesso e à riqueza.

As principais conclusões do estudo mostraram que os Libaneses conseguiram se integrar à sociedade brasileira, não tendo como opção trabalhar como empregados ou na agricultura, tiveram que partir para o empreendedorismo que resultou na ascensão desta comunidade. Outro fator de relevância constatado é que o ensino superior e a ajuda entre as pessoas da comunidade libanesa foram fatores determinantes para a evolução destes imigrantes no País.

Os fatores limitantes desse estudo foram sem dúvida a pandemia que dificultou as entrevistas e a interação com mais pessoas da comunidade que preferiram ficar em suas casas, e não foram para eventos sociais e não pude fazer mais interações.

Como resultado, essa dissertação nos fornece um modelo que pode ser potencialmente replicado em países que são considerados os principais destinos de imigração. O incentivo aos empresários e o incentivo ao ensino superior entre os grupos de imigrantes podem, portanto, ser integrados nas políticas públicas de imigração, a fim de se conseguir uma maior inclusão social. Isso também pode ser aplicado ao contexto brasileiro que conheceu recentes ondas significativas de imigração vinda da África, América do Sul

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TRABALHOS CIENTÍFICOS

OUTRAS FONTES

Annan, K., & Mousavizadeh, N. (2018). *Intervenções: uma vida de guerra e paz*. Editora Companhia das Letras.

Associação Cultural Brasil-Líbano. (2011). *Liban by Lody*. Retrieved from D. Pedro II e o Líbano: <http://www.libanbylody.com.br/dpedroliban.html>

Atkinson, R., & Flint, J. (2001). Accessing hidden and hard-to-reach populations: Snowball research strategies. *Social research update*, 33(1), 1-4.

Barros, R., de Carvalho, M., Franco, S., & Mendonça, R. (2010). *Determinantes da queda na desigualdade de renda no Brasil* (No. 1460). Texto para discussão.

Berg, M. (2007). Intervening in the learning of US students abroad. *Journal of studies in international education*, 11(3-4), 392-399.

Chrysostome, E. (2010). The success factors of necessity immigrant entrepreneurs: In search of a model. *Thunderbird International Business Review*, 52(2), 137-152.

d'Albis, H., Boubtane, E., & Coulibaly, D. (2018). Macroeconomic evidence suggests that asylum seekers are not a “burden” for Western European countries. *Science advances*, 4(6), eaaq0883.

Dameri, R. P., & Beltrametti, L. (2015). *Proceedings of the 10th European Conference on Innovation and Entrepreneurship*. Genoa, Italy.

Daniel, I. (2012, March 25). *Imigração árabe recente trouxe mais muçulmanos ao Brasil, diz sociólogo*. Retrieved from Opera Mundi: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/20744/imigracao+arabe+recente+trouxe+mais+muculmanos+ao+brasil+diz+sociologo.shtml>

Dees, J. G. (1998). Enterprising nonprofits: What do you do when traditional sources of funding fall short. *Harvard business review*, 76(1), 55-67.

Desai, S., Nijkamp, P., & Stough, R. R. (2011). *New Directions in Regional Economic Development: The Role of Entrepreneurship Theory and Methods, Practice and Policy*. Edward Elgar Publishing Limited.

Desai, S., Nijkamp, P., & Stough, R. R. (2011). *New Directions in Regional Economic Development: The Role of Entrepreneurship Theory and Methods, Practice and Policy*. Edward Elgar Publishing Limited.

Dyke, J. (2014, July 3). *How the Lebanese conquered Brazil*. Retrieved from Executive Magazine: <http://www.executive-magazine.com/business-finance/society/lebanese-conquered-brazil>

Dyke, J. (2014, July 8). *Success story: Henry Maksoud-Neto*. Retrieved from Executive Magazine: <http://www.executive-magazine.com/business-finance/business/success-story-henry-maksoud-neto>

Eisenmann, T. R. (2013, January 10). *Entrepreneurship: A Working Definition*. Retrieved from Harvard Business Review: <https://hbr.org/2013/01/what-is-entrepreneurship>

Fatoki, O., & Patswawairi, T. (2012). The motivations and obstacles to immigrant entrepreneurship in South Africa. *Journal of Social Sciences*, 32(2), 133-142.

FUSCO, J. P. A. (2005). *Redes produtivas e cadeias de fornecimento*. Arte & Ciência.

Gill, P., Stewart, K., Treasure, E., & Chadwick, B. (2008). Methods of data collection in qualitative research: interviews and focus groups. *British dental journal*, 204(6), 291-295.

Goldin, C. D. (2016). Human capital.

IBGE. (2000). *Estatísticas do povoamento*. Retrieved from Brasil 500 anos: <http://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html>

Karam, J. T. (2004). A Cultural Politics of Entrepreneurship in Nation-Making. *The Journal of Latin American Anthropology*, pp. 319-351.

Kedourie, E., & Haim, S. G. (1988). *Essays on the Economic History of the Middle East*. FRANK CASS & CO. LTD.

Kirby, E. E. (2012). *Les entrepreneurs libanais à São Paulo, une mobilité ascendante [The upward mobility of the Libanese entrepreneurs in São Paulo]*. Université Paris Descartes - Faculté des Sciences Humaines et Sociales - Sorbonne.

Kirby, E. E. (2012). *Les entrepreneurs libanais à São Paulo, une mobilité ascendante [The upward mobility of the Libanese entrepreneurs in São Paulo]*. Université Paris Descartes - Faculté des Sciences Humaines et Sociales - Sorbonne.

Kolb, B. (2008). *Marketing research: a practical approach*. Sage.

Landau, L. B., & Segatti, A. W. K. (2009). Human development impacts of migration: South Africa case study.

Lanza, A. L., & Lamounier, M. L. (2015). A América Latina como destino dos imigrantes: Brasil e Argentina (1870-1930). *Brazilian Journal of Latin American Studies*, 14(26), 90-107.

Luca, A. M. (2015, May 22). *The Lebanese in Brazil*. Retrieved from NOW News: <https://now.mmedia.me/lb/en/specialreports/565262-the-lebanese-in-brazil>

Manev, I. M., Gyoshev, B. S., & Manolova, T. S. (2005). The role of human and social capital and entrepreneurial orientation for small business performance in a transitional economy. *International journal of entrepreneurship and innovation management*, 5(3-4), 298-318.

Martin, R. L., & Osberg, S. (2007). Social Entrepreneurship: The Case for Definition. *Stanford Social Innovation Review*, pp. 28-39.

Massey, D. S., & Parrado, E. A. (1998). International migration and business formation in Mexico. *Social Science Quarterly*, 1-20.

Milanovic, B. (1999). *poverty inequality and social policy in transition economies*. World Bank Publications.

Nicholls, A. (2013, September 20). *Creating a Company in an Immigratory Situation. The Chinese of Paris, Brussels and Montréal*. Retrieved from Recherches Sociologiques et Anthropologiques : <http://rsa.revues.org/968>

Nwankwo, E., & El Nahas, A. M. (2005). Prevention of chronic kidney disease: a global challenge. *Kidney International*, 68, S11-S17.

ÖZPINAR, E., BAŞIHOŞ, S., & KULAKSIZ, A. (2015). Göçün Ardından Suriye ile Ticari İlişkiler.

Portal do Ipiranga. (2012). *Lembranças de Família Jafet*. Retrieved from Portal do Ipiranga: <http://www.independenciaoumorte.com.br/lembrancas/item/473-lembran%C3%A7as-de-fam%C3%ADlia-jafet.html>

Reier, S. (2000, June 10). *Half a Century Later, Economist's 'Creative Destruction' Theory Is Apt for the Internet Age : Schumpeter: The Prophet of Bust and Boom*. Retrieved from The New York Times: <http://www.nytimes.com/2000/06/10/your-money/10iht-mschump.t.html?pagewanted=all>

Rodrigues, S. (2012, November 29). *Por que chamamos sírios e libaneses de turcos*. Retrieved from Veja: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/por-que-chamamos-sirios-e-libaneses-de-turcos/>

Rumbaut, R. G. (1995). The new Californians: Comparative research findings on the educational progress of immigrant children. *CALIFORNIA'S IMMIGRANT CHILDREN: THEORY, RESEARCH, AND IMPLICATIONS FOR EDUCATIONAL POLICY*, Rubén G. Rumbaut, Wayne A. Cornelius, eds., University of California, San Diego.

Rwodzi, C. (2011). *Linguistic challenges faced by foreign migrant workers and informal traders in Gauteng* (Doctoral dissertation).

Schumpeter, J. A. (1976). II. Capitalism, Socialism, and Democracy, 1942.

Truzzi, O. (2002). Libanais et Syriens au Brésil [Lebanese and Syrians in Brazil] (1880-1950) . *Revue européenne des migrations internationales*, pp. 123-147.

Varella, F. (2000, 10 4). PATRÍCIOS - Dinheiro, diploma e voto: a saga da imigração árabe . *Veja*, pp. 122-129. Retrieved from Jornal GGN: <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/como-veja-tratou-a-imigracao-arabe-no-brasil>

Volery, T. (2007). Ethnic entrepreneurship: a theoretical framework. In L.-P. Dana, *Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship* (pp. 30-41). Edward Elgar Publishing.

Waldinger, R. (1990). The 'other side' of embedded ness: A case-study of the interplay of economy and ethnicity. *Ethnic and racial studies*, 18(3), 555-580.

Yinger, J. (1997). Cash in your face: The cost of racial and ethnic discrimination in housing.

Journal of Urban Economics, 42(3), 339-365.

APÊNDICES

1. ENTREVISTA

1. **Dados Pessoais: Nome (sigiloso), idade, local de nascimento**
2. **Dados Profissionais no país de Origem**
3. **Dados Profissionais no país de acolhimento**
4. **Local de residência no país de acolhimento**
5. **Família, estão todos aqui ou estão no país de origem? pretende trazê-los?**
6. **Quais foram as motivações para a escolha de se integrar naquele país anfitrião (Brasil)?**
7. **Tiveram outras tentativas em outros países e ou cidades?**
8. **Quais as motivações e as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes para a criação dos seu próprio negócio no país de acolhimento - Brasil?**
9. **Teve alguma ajuda do governo para empreender?**
10. **Teve alguma ajuda de ONGs para empreender? Qual foi o Projeto-Programa?**
11. **Possui seu negócio próprio aberto-estabelecimento?**
12. **Na sua opinião, esses projetos de ajuda do Governo ou ONGs devem ser melhorados? De que forma?**
13. **Você precisa prestar contas para o governo? Pagamento de taxas ou outras tarifas?**
14. **O capital de investimento, pode mencionar de onde veio?**

Anexo 5B

Formulário para depósito legal¹ de teses de Doutoramento (ou equivalente) e de trabalhos de Mestrado (Dissertações, Relatórios de Estágio, Projetos ou outros) no RepositóriUM

Elementos de identificação

Nome do autor: **Marcela Maia Vidal**

Tipo de trabalho académico:

- Doutoramento: Tese de doutoramento Outro Qual?
- Mestrado: Dissertação Relatório de Estágio Projeto Outro Qual?

Título do trabalho: **Empreendedorismo Imigrante dos Sírio-libaneses no Brasil**

Supervisor(es): **Profa. Dra. Isabel Maria Machado** Data da concessão do grau:
Mestrado e Área de Especialização/Doutoramento e Especialidade:

Negócios Internacionais

Escola/Instituto: Escola de Economia e Gestão

Departamento/Centro de Investigação: **Economia**

Área disciplinar (área FOS): **Ciências Sociais::Economia e Gestão**

Identificador único e permanente do trabalho (TID) atribuído pelo RENATES:

Classificação

No caso de teses de doutoramento

Classificação final:

No caso de trabalhos de mestrado (Dissertações, Relatórios de Estágio, Projetos ou outros)

N.º ECTS:

Classificação em valores (0-20):

Classificação ECTS, com base no percentil (A a F):

Financiamento público

Sem financiamento público:

Financiamento pelo estabelecimento que confere o grau (caso seja público):

Financiamento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT):

Identificador da Bolsa FCT:

Outro financiamento público:

Obs:

¹ Regulamento n.º 115/2013 e Portaria n.º 185/2015.
- Indicar o(s) aplicável(s) ao Departamento/Centro para efeitos de associação à respetiva comunidade no RepositóriUM.
- Manter-se de acordo com a lista disponibilizada na página seguinte.

Lista de Áreas Disciplinares (áreas FOS)

Agricultura, Silvicultura e Pescas	Engenharia Médica
Artes	Engenharia Química
Biotecnologia Agrária e Alimentar	Filosofia, Ética e Religião
Biotecnologia Ambiental	Física
Biotecnologia Industrial	Geografia Económica e Social
Biotecnologia Médica	História e Arqueologia
Ciência Animal e dos Lacticínios	Línguas e Literaturas
Ciências Biológicas	Matemática
Ciências da Computação e da Informação	Medicina Básica
Ciências da Comunicação	Medicina Clínica
Ciências da Educação	Nanotecnologia
Ciências da Saúde	Não Classificado
Ciências da Terra e Ciências do Ambiente	Outras Ciências Agrárias
Ciências Políticas	Outras Ciências de Engenharia e Tecnologias
Ciências Veterinárias	Outras Ciências Médicas
Direito	Outras Ciências Naturais
Economia e Gestão	Outras Ciências Sociais
Engenharia Civil	Outras Humanidades
Engenharia do Ambiente	Psicologia

GLOSSÁRIO

Brain drain - A situação em que um grande número de pessoas educadas e muito qualificadas deixam o seu próprio país para viver e trabalhar em outro onde a remuneração e as condições são melhores. CAMBRIDGE DICTIONARY